

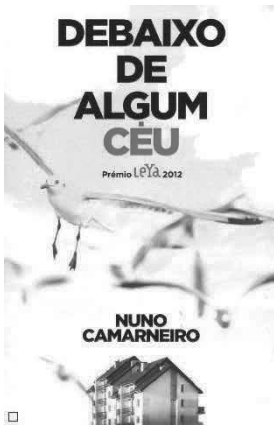
DUAS DE LETRA – GRUPO DE LEITORES DA FP E IE

JUNHO 2017

GUIA DE LEITURA

DEBAIXO DE ALGUM CÉU

NUNO CAMARNEIRO



Biografia: Nuno Camarneiro nasceu em 1977. Natural da Figueira da Foz, licenciou-se em Engenharia Física pela Universidade de Coimbra, onde se dedicou à investigação durante alguns anos. Foi membro do GEFAC (Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra) e do grupo musical Diabo a Sete, tendo ainda integrado a companhia teatral Bonifrates. Trabalhou no CERN (Organização Europeia para a Investigação Nuclear), em Genebra, e concluiu o doutoramento em Ciência Aplicada ao Património Cultural em Florença. Em 2010 regressou a Portugal, sendo atualmente investigador na Universidade de Aveiro e professor do curso de Restauro na Universidade Portucalense. Começou por se dedicar à micronarrativa, tendo contos publicados em várias coletâneas e revistas. Em 2011 publicou o seu primeiro romance "No Meu Peito Não Cabem Pássaros" e, em 2013, "Debaixo de Algum Céu" (com o qual venceu o Prémio Leya). Publicou, posteriormente, o livro de contos "Se Eu Fosse Chão" e o livro infantil "Não Acordem os Pardais", ambos em 2015 (este último com ilustrações de Rosário Pinheiro).

Sinopse de *Debaixo de Algum Céu*: Num prédio encostado à praia, homens, mulheres e crianças - vizinhos que se cruzam mas se desconhecem - andam à procura do que lhes falta: um pouco de paz, de música, de calor, de um deus que lhes sirva. Todas as janelas estão viradas para dentro e até o vento parece soprar em quem lá vive. Há uma viúva sozinha com um gato, um homem que se esconde a inventar futuros, o bebé que testa os pais desavindos, o reformado que constrói loucuras na cave, uma família quase, quase normal, um padre com uma doença de fé, o apartamento vazio cheio dos que o deixaram. O elevador sobe cansado, a menina chora e os canos estrebucham. É esse o som dos dias, porque não há maneira de o medo se fazer ouvir.

A semana em que decorre esta história é bruscamente interrompida por uma tempestade que deixa o prédio sem luz e suspende as vidas das personagens - como uma bolha no tempo que permite pensar, rever o passado, perdoar, reagir, ser também mais vizinho. Entre o fim de um ano e o começo de outro, tudo pode realmente acontecer - e, pelo meio, nasce Cristo e salva-se um homem.

Embora numa cidade de província, e à beira-mar, este prédio fica mesmo ao virar da esquina, talvez o habitemos e não o saibamos.

Recensão Público/Ípsilon – 30/04/2013 (por António Guerreiro)

Este romance, que ganhou o Prémio Leya de 2012, segue, nas suas linhas gerais, o modelo de construção de *A Vida Modo de Usar*, de Georges Perec: as suas personagens vivem todas no mesmo edifício e é a vida delas, ao longo de oito dias – do dia de Natal até ao primeiro dia de

Janeiro - que é narrada, como se a fachada tivesse sido retirada, permitindo a observação de várias cenas em simultâneo. A noção de jogo de espaços não é tão importante como no romance do escritor francês, mas a ideia de puzzle em construção também está presente.

Uma epígrafe retirada a Perec, no início, e uma referência, mais adiante, ao herói de *A Vida Modo de Usar*, o excêntrico Bartlebooth, desvelam mais explicitamente esta relação. Mas as afinidades de *Debaixo de Algum Céu* com o romance de Perec acabam aqui, nas linhas mais gerais de um desenho arquitectónico, não se verificam na concepção do romance como puro jogo formal e delírio da invenção. Nem, evidentemente, na escrita que tal concepção pressupõe. A adopção deste modelo narrativo acaba por ser uma mera curiosidade que pouco acrescenta - e também nada diminui - ao romance de Nuno Camarneiro. As suas fragilidades estão noutro lado e não é necessária nenhuma razão comparativa para as fazer emergir.

O primeiro passo em falso deste romance é a sua falácia metanarrativa. Num "Preâmbulo", atribuído à "voz do narrador", podemos ler esta frase de abertura: "Uma história são pessoas num lugar por algum tempo". E, ainda na mesma página, acrescenta-se: "A história é contada em oito dias, os últimos sete de um ano e o primeiro de outro. Nada saberemos do futuro e pouco do passado". E depois todos os capítulos correspondem quer à voz do narrador quer à voz das personagens ("A voz de Joana", "A voz de Adriano", "A voz de Bernardino", etc.). Ora, desde essa primeira frase do "Preâmbulo" até à atribuição do discurso às diversas "vozes", acena-se ao leitor com um romance que entra num nível auto-reflexivo, chamando para o interior de um jogo as próprias categorias da narrativa: o narrador, as personagens, o tempo, o espaço. Mas o jogo auto-reflexivo e metanarrativo acaba aí, no "Preâmbulo" e nos títulos dos capítulos, já que quanto ao resto o que este romance nos fornece são histórias em que as representações e a tonalidade da escrita estão inteiramente do lado de uma narrativa em primeiro grau, aderindo sem distância ao pathos existencial das personagens, aos seus sentimentos e afeições. Assim, todos esses indicadores de distância crítica ou lúdica acabam por ser em vão e quase não têm consequências, o que os torna gratuitos e ornamentais. Deste modo, o que se devia desenvolver jogando com a sua condição de artifício literário (uma narrativa que se aponta a si mesma como uma alternância de "vozes": do narrador e das personagens) revela-se afinal muito mais próximo de códigos narrativos convencionais; e embora exija o discurso do romance polifónico, já que são muitas as "vozes", o tom mantém-se tão uniforme como num romance com narrador onisciente, na terceira pessoa.

Poderíamos fechar os olhos a este desajuste, esquecer a falácia metanarrativa, e determo-nos apenas na história, ou melhor, nas histórias que são narradas.

Mas aqui somos confrontados com a mais pobre composição narrativa: os episódios justapõem-se, acumulam-se, como uma soma redundante de elementos dispersos que não conseguem encontrar um princípio integrador e construir um sistema. Essa função integradora é deixada apenas a um mínimo denominador comum: o facto de as personagens viverem num mesmo prédio. O autor parece acreditar que acrescenta densidade ao romance pelo processo que consiste em ampliar e acrescentar, fazendo dele um amontoado de histórias. O que resulta daqui é antes um efeito de futilidade, para o qual contribui bastante uma escrita que parece a recitação de um idioma hiperliterário, exasperado e inócuo: "A vida dos homens estica e encolhe, enche-se de rugas, pregas no espaço e no tempo, no que pensamos ou sentimos. Quando uma parte das vidas se encontra com outra, dizemos que lembramos, ou sonhamos, ou

revivemos. Quando se encontra com a vida de outra pessoa, chamamos-lhe coincidência ou sorte”.

Ata de atribuição do Prémio Leya à obra

O Júri decidiu, por maioria, atribuir o Prémio Leya 2012 ao romance Debaixo de Alguém Céu, da autoria de Nuno Camarneiro.

O Júri apreciou no romance Debaixo de Alguém Céu a qualidade literária com que, delimitando intensivamente a figura fulcral do "romance de espaço" e do "romance urbano", faz de um prédio de apartamentos à beira-mar o tecido conjuntivo da vida quotidiana de várias personagens - saídas da gente comum da nossa actualidade, mas também por isso carregadas de potencial significativo.

Retrato de uma microsociedade unida pelo espaço em que vivem os personagens, o romance organiza-se a partir de um conjunto de vozes que dão conta de vidas e destinos que o acaso cruzou num período de tempo delimitado entre um Natal e um Fim do Ano. Ouvimos vozes, poemas, ladainhas, canções, que transportam memórias e sentimentos e pontuam os encontros, desencontros e tragédias que de que os moradores só se apercebem quando saem à luz do dia. A escrita é precisa e flui sem ceder à facilidade, mas reflectindo a consciência de um jogo entre o desejo de chegar ao seu destinatário, o leitor, e um recurso mínimo a artifícios retóricos em que só uma sensibilidade poética eleva e salva a banalidade e os limites do quotidiano.

O júri destacou nesta obra o domínio e a segurança da escrita, a coerência com que é seguido o projecto, a força no desenho dos personagens e destaca a humanidade subjacente ao que poderá ser lido como uma alegoria do mundo contemporâneo.

O júri do Prémio LeYa 2012: Manuel Alegre (Presidente), José Carlos Seabra Pereira, José Castello, Lourenço do Rosário, Nuno Júdice, Pepetela, Rita Chaves